

FHC II: diferente ou melhor?

Se o candidato Fernando Henrique Cardoso vencer as eleições, como será seu segundo governo? "Diferente; o povo não gosta muito de repeteco", foi o que respondeu o próprio presidente Fernando Henrique.

Em 94, Fernando Henrique dizia que queria ter "um Planalto forte", repetindo a fórmula de Juscelino Kubistchek, que criou comissões para tratar de assuntos específicos, e Ernesto Geisel, que instituiu os conselhos também no âmbito do Planalto.

FHC deu superpoderes ao Gabinete Civil a ponto de chamar Clóvis Carvalho, o titular da pasta de "o segundo do governo". E cercou-se de técnicos no Palácio do Planalto – o próprio Clóvis, Eduardo Jorge e Sérgio Amaral. Três assessores que nunca antes disputaram uma eleição.

Hoje, os mais próximos a FHC dizem que ele já repensa o modelo instituído. Não a ponto de alterar a estrutura administrativa instituída em 94 mas, se vencer, é certo que vá mudar peças de lugar. Sérgio Amaral deixará o Planalto – está apenas aguardando posto no exterior –, Eduardo Jorge, que já é aposentado, pediu para sair e diz-se que só fica na campanha e Clóvis Carvalho poderá ser deslocado para uma outra pasta.

O fato é que o sistema de câmaras setoriais criado no governo FHC não funcionou – com exceção para a Câmara de Comércio Exterior, que começou a ser vista depois que para lá foi deslocado o economista José Roberto Mendonça de Barros. A Câmara de Assuntos Sociais ficou quase dois anos sem fazer uma única reunião e a Câmara de Assuntos Econômicos virou uma reunião semanal da equipe econômica.

Como o presidente Fernando Henrique é um governante que não determina despachos rotineiros com os ministros, esta tarefa era desempenhada pelo "segundo" Clóvis Carvalho. Hoje, também esta tarefa extra de Clóvis é questionada. Muitos ministros (e também os que já deixaram os postos) queixam-se da burocracia

do Gabinete Civil. Há listas de projetos que ficaram meses na gaveta do Gabinete Civil. Tanto cuidado no exame de cada projeto dos ministérios não evitou, porém, erros do governo. Como o veto do presidente ao projeto que permitia ao hospital público proceder a cirurgias de laqueadura de trompas – para ficar num único exemplo.

Além da composição da equipe do Palácio do Planalto, Fernando Henrique, se vencer as eleições, terá um complexo quebra-cabeças para formar sua equipe de governo. Será difícil agradar aos seis partidos que apoiam sua reeleição. Todos têm enorme cobiça por cargos.

Uma vitória FHC já conquistou. Ele isolou os postos-chave da área econômica e nenhum partido ousa fazer indicações. Mas, em compensação, a disputa pelos outros ministérios será ferrenha.

A seguir o conselho dos amigos, se conquistar outro mandato, FHC mudaria completamente a face do governo. Começando pela forma de escolher os ministros. Nada de indicações pelos partidos, como ocorreu na última reforma ministerial. Mas pela afinidade com o tema. Ficou comprovado que a escolha política nem garante os votos necessários no Congresso e ainda reduz as chances de ter uma gestão administrativa eficiente.

E, num segundo mandato, o governante quer mais resultados administrativos do que políticos.

Se vencer, não será nada fácil para FHC montar a equipe no caso. Ele assumiu muitos compromissos antes mesmo da campanha. Como o feito com Eliseu Padilha para que não disputasse as eleições. Ficou subentendido que ele teria um ministério. Terá, também, de aguardar os resultados das eleições nos Estados.

Somando-se as dificuldades políticas (a disputa entre os partidos vai começar no dia seguinte à proclamação do resultado eleitoral) ao estilo de FHC, não é de se esperar muito. Mudanças sim, mas governo novo, nem tanto.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

Se vencer, é certo que o presidente mudará peças de lugar. Mas não a ponto de alterar a estrutura de 94